



ESTADOS UNIDOS

De líder anti-Trump a pária no partido

A deputada Liz Cheney, crítica do ex-presidente, é derrotada nas primárias republicanas em Wyoming e perde o direito de disputar reeleição na Câmara dos Representantes. Especialistas avaliam impacto nas pretensões políticas da congressista

» RODRIGO CRAVEIRO

Filha do ex-vice-presidente Dick Cheney, ela exerce o cargo de segunda liderança do comitê criado pela Câmara dos Representantes para investigar a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro. Membro do Partido Republicano, assumiu uma postura de oposição a Donald Trump e chegou a defender o FBI (a polícia federal dos EUA) após a apreensão de documentos na mansão de Mar-a-Lago, resort privativo do ex-presidente, na Flórida. As críticas a Trump custaram caro a Liz Cheney, 56 anos, que recebeu várias ameaças de morte nos últimos meses. Na noite de terça-feira, a deputada sofreu uma derrota na primária republicana em Wyoming, seu estado natal, para Harriet Hageman, aliada do magnata. O revés a impossibilitará de disputar novo mandato no Congresso, nas eleições legislativas de novembro.

Após reconhecer a derrota, Liz Cheney enviou um recado a Trump. "Desde 6 de janeiro eu afirmo que farei o que for preciso para garantir que Donald Trump nunca mais chegue perto do Salão Oval, e estou falando sério", declarou, na noite de terça-feira. Ontem, ela admitiu que "pensa" em concorrer à Casa Branca, em 2024, e anunciou a criação de um comitê de ação política. "É algo em que estou pensando. Tomarei uma decisão nos próximos meses", disse ao ser entrevistada no programa *Today Show* da emissora NBC. Nos últimos meses, Trump destilou sua fúria sobre Cheney, a quem classificou de "desleal" e de "fracassada que dá lições".

Ontem, o ex-presidente celebrou o fracasso nas urnas da coliga de partido como "um resultado maravilhosos para os Estados Unidos". "Agora ela pode finalmente desaparecer em profundezas do esquecimento político onde, tenho certeza, será muito mais feliz do que é agora", afirmou em sua rede social, Truth Social.

Patrick T. Fallon/AFP



Liz Cheney fala a simpatizantes durante a eleição em Wyoming, seu estado natal: persona non grata no Partido Republicano

Adam Kinzinger, também deputado republicano, não poupou críticas ao próprio partido. "Isso envia uma mensagem muito forte de que não é mais um partido comprometido com a verdade. Este é um partido comprometido com a conspiração", disse. Em entrevista à mesma emissora, ele elogiou Cheney como uma "política muito determinada e obstinada". "Ela perseguirá Donald Trump até os portões do inferno, isso é certo", disparou.

Para Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), a derrota de Cheney é "um símbolo do fim dos princípios conservadores no Partido Republicano". "Cheney é uma conservadora sólida em praticamente todos os temas. Ela foi

Menção a brasileiro

Durante o discurso em que admitiu a derrota, Liz Cheney citou um encontro com um brasileiro, na semana passada, em Laramie, no sudeste do estado do Wyoming. "Os Estados Unidos têm significado tanto para tantas pessoas, porque nós somos a melhor esperança de liberdade na Terra. Em Laramie, um senhor veio até mim com lágrimas nos olhos. 'Eu não sou norte-americano', ele disse. 'Mas meus filhos são. Eu cresci no Brasil. Sei quão frágil é a liberdade, e não devemos perdê-la aqui'."

derrotada porque se recusou a seguir o perigoso autoritarismo de Trump", explicou ao **Correio**. Ele lembra que, sob a gestão do magnata, quase todos os princípios que os republicanos conservadores alegavam defender sumiram: a moralidade pessoal, a responsabilidade pessoal e fiscal, o governo limitado e o respeito à tradição. "Eles foram

substituídos por uma guerra cultural e por uma busca de poder a todo custo."

Lichtman não acha que Liz Cheney tenha muito futuro para concorrer a cargos no Partido Republicano. "Mas, ela poderia disputar a Presidência apenas para ganhar uma plataforma para seus pontos de vista. Imagine só um debate entre Trump e Cheney!", disse.

Thomas E. Patterson, professor de governo e imprensa da Faculdade de Governo Kennedy da Universidade de Harvard, afirmou à reportagem que a participação de Cheney no comitê da Câmara posicionou-a a favor da oposição a Trump dentro do Partido Republicano. "Isso pode incluir uma campanha independente a presidente, o que poderia minar as chances de uma vitória de Trump em 2024. Ela não é uma candidata alternativa para muitos republicanos e não teria chance em obter a indicação do partido. Mas, enquanto candidata independente, Liz Cheney poderia diminuir as chances de eleição de Trump, ao desviar os votos dos republicanos que creem que o magnata não é adequado para ser presidente, mas também não querem votar em um democrata."

Eu acho...

Jon Chase/Harvard



"O ponto de virada na posição de Liz Cheney dentro do Partido Republicano ocorreu quando ela votou, em 2021, pelo impeachment de Donald Trump. Aquilo levou à sua remoção de uma posição de liderança entre os deputados republicanos e a uma censura por parte do Partido Republicano em Wyoming. Sua participação no comitê que investiga a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro, meramente solidificou a oposição republicana a Cheney."

Thomas E. Patterson, professor de governo e imprensa da Universidade de Harvard

Arquivo pessoal



"Não há nada mais que os republicanos possam fazer para retaliar Liz Cheney. Ela ainda servirá como vice-presidente do comitê que investiga a invasão ao Capitólio por mais de quatro meses. E terá seguidores, presença midiática e recursos abundantes para repercutir sua mensagem. Liz Cheney está de olho em fazer história, o que não depende de ser um dos 435 deputados dos Estados Unidos. Sua missão é preservar a democracia americana e restaurar o Partido Republicano às suas raízes históricas."

Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington)

DIPLOMACIA

Israel e Turquia retomam relações plenas

Durante 4.444 dias, Israel e Turquia não mantiveram laços diplomáticos normais. O ataque das Forças de Defesa de Israel (IDF) a uma flotilha turca comandada pela embarcação Mavi Marmara foi a pá de cal na cooperação entre os dois países. Na ocasião, 10 civis que faziam parte da tripulação morreram, quando tentavam furar o bloqueio imposto à Faixa de Gaza. Ontem, os dois países anunciaram que retomarão as relações diplomáticas, apesar de Ancara avisar que seguirá "defendendo os direitos dos palestinos". O premiê israelense, Yair Lapid, destacou que a medida representa "um ativo significativo para a estabilidade regional" e "uma notícia econômica muito importante para os cidadãos de Israel". Segundo ele, as duas nações vão nomear o corpo diplomático e retomarão os voos diretos.

Lapid e o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, conversaram por telefone e concordaram que a normalização pode levar a muitos benefícios,

principalmente nos setores do comércio e do turismo. Erdogan, por sua vez, manifestou apoio "ao desenvolvimento da cooperação e do diálogo entre Turquia e Israel sobre uma base sustentável e de respeito às respectivas sensibilidades".

Daniel Zonshine, embaixador de Israel em Brasília, disse ao **Correio** que o restabelecimento das relações diplomáticas plenas

Embaixada de Israel



Devemos deixar o passado para trás e olhar para o futuro. A cooperação pode tratar de assuntos de segurança e de matérias de terrorismo"

Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil

Arquivo pessoal



Defendemos os direitos dos palestinos e acreditamos que boas relações com Israel possam ajudar nesse sentido"

Murat Yavuz Ates, embaixador da Turquia no Brasil

de seu país com a Turquia permitirá o retorno das missões dos embaixadores e cônsules para ambos os países. "Isso também possibilitará a revisão e a implementação do completo potencial das relações entre Israel e Turquia, nos setores econômico, cultural, turístico, entre outros", comentou. Ao ser questionado sobre o incidente envolvendo o ataque ao Mavi Marmara, Zonshine

disse que "devemos deixar o passado para trás e olhar para o futuro". "A cooperação entre Israel e Turquia pode tratar de assuntos de segurança e de matérias de terrorismo. Na área econômica, podemos aprimorar e aumentar o saldo entre nossos países", admitiu.

Em relação à situação no Oriente Médio, o diplomata israelense lembra que as coisas

mudaram na região nos últimos 12 anos, desde a ruptura das relações bilaterais. "Os países que assinaram o Pacto Abrâmico — Israel, Emirados Árabes Unidos, EUA e Bahrein — têm se aprimorado e percebido que nem tudo deve depender da questão palestina", acrescentou Zonshine.

Embaixador da Turquia no Brasil, Murat Yavuz Ates afirmou à reportagem que seu país

sempre manteve boas relações com Israel. "A Turquia foi um dos primeiros países a reconhecer o Estado de Israel. É claro que sempre defendemos os direitos dos palestinos, pois apoiamos uma solução para o conflito baseada em dois Estados, também endossada pelas Nações Unidas", comentou. "Nós acreditamos que, ao termos boas relações com Israel, podemos ajudar a encontrar uma solução entre palestinos e israelenses. Durante as políticas implementadas por Benjamin Netanyahu, no passado, enfrentamos tempos difíceis. Agora, temos uma relação melhor com o novo governo de Israel."

Murat lembrou que a embaixada turca em Tel Aviv jamais fechou as portas, nesses últimos 12 anos. "Sempre tivemos relações diplomáticas com Israel, mas sem a presença de um embaixador. Nossa chancelaria admitiu, recentemente, o desejo de indicar um embaixador. Como eu disse, defendemos os direitos dos palestinos e acreditamos que boas relações com Israel possam ajudar nesse sentido." (RC)